

RESENHA

Mitologia e política: referenciais míticos no entendimento de uma personalidade política

Juliana Mastelini Moyses¹

André Azevedo da Fonseca. *A construção do mito Mário Palmério: um estudo sobre a ascensão social e política do autor de Vila dos Confins*. São Paulo: Editora Unesp, 2012, 309 páginas.

Assim como dramas ficcionais, as vidas de alguns personagens da história podem ser contadas como uma peça de teatro. Isso porque seguem, conscientemente ou não, a estrutura da dramaturgia. A história do escritor, professor e político Mário Palmério é uma delas. No livro *A construção do mito Mário Palmério: um estudo sobre a ascensão social e política do autor de Vila dos Confins* (Unesp, 2012), o pesquisador André Azevedo da Fonseca mostra como Palmério se destacou, primeiramente como professor e empresário em Uberaba, e posteriormente como político, valendo-se da credibilidade que havia sido construída em torno de seu nome.

O livro é fruto da tese de doutorado de André Azevedo da Fonseca em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). A pesquisa mostra como Palmério e a sociedade na qual estava inserido se utilizaram de referenciais míticos para construir sua figura, assemelhando-se a uma peça de teatro, com papéis e personagens bem definidos. Tanto que o autor divide a história do professor em dois atos, como em uma peça de teatro.

André Azevedo da Fonseca é professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Integra os grupos de pesquisa Comunicação e História e Imagem e Ideologia. É doutor em História pela Unesp e pós-doutor em Estudos Culturais no programa Avançado de Cultura Contemporânea (Pacc) da Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ). Além de *A construção do mito Mário*

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela UEL e especialista em Produção e Criação em Rádio e Televisão pela Faculdade Pitágoras de Londrina. E-mail: jumastelinimoyses@gmail.com

Palmério, publicou *Cotidianos culturais e outras histórias: a cidade sob novos olhares* (Uniuibe, 2004).

O livro *A construção do mito Mário Palmério*, como já explicitado, é dividido em dois atos. O primeiro dedica-se a descrever o percurso que Palmério percorreu para alcançar o reconhecimento social. O segundo mostra como o escritor consagrou-se como mito.

Inicialmente, o autor mostra o prestígio que a família de Palmério possuía na sociedade em que ele estava inserido e que foi ponto de partida para o crédito que o professor alcançou ao longo dos anos. O autor demonstra esse prestígio através da análise das homenagens prestadas a Palmério na coluna social do jornal *Lavoura e Comércio* no dia de seu aniversário. Em 1934, quando pela primeira vez aparecem as congratulações, as 17 palavras utilizadas pelo jornal no texto louvavam o filho do “Dr. Francisco Palmério, íntegro juiz de direito de Ituiutaba” (p. 41). Com o passar dos anos, o número de palavras progressivamente aumentava e o valor do jovem era cada vez mais aplicado aos seus méritos pessoais. Em 1940, a coluna social de *Lavoura e Comércio* dispensou 58 palavras a Mário Palmério, a falar não só do filho do íntegro juiz, mas do competente professor de caráter e cultura apreciáveis.

A partir de então, o crédito do professor aumenta, com, a cada ano, mais palavras dedicadas a ele no dia de seu aniversário e, aos poucos, a inserção de fotos do professor na coluna social. Aliam-se às colunas sociais, textos publicados nos jornais, à parte das datas de aniversário, por intelectuais e pelos próprios jornalistas louvando a figura de Palmério e seus feitos para a cidade. Tais louvores eram retribuídos com mais louvores. O que gerava um círculo de autoelogios constantes. Pois, ao mesmo tempo em que Palmério recebia elogios, louvava aqueles que o elogiavam, dando crédito aos elogios que recebia.

Palmério, percebendo a demanda por instituições de ensino em Uberaba, lança-se a criá-las, contando para isso com forte apoio dos jornais locais. Criou primeiro, em parceria com sua irmã Laurencina Palmério, o Liceu Triângulo Mineiro. Oferecia ali poucos cursos. Progressivamente a instituição cresceu e propiciou a criação de outras instituições. Surgiram o ginásio Triângulo Mineiro, a Escola de Comércio do Triângulo Mineiro, o Colégio Triângulo Mineiro e a Faculdade de Odontologia. Todos eles acompanhados de forte propaganda nos jornais e apoio da sociedade uberabense no intuito de legitimar as ações e mostrar à sociedade a carência que Uberaba tinha e que seria suprida pelas ações de Mário Palmério.

Essas ações encontraram e surgiram a partir de um contexto propício em que, por exemplo, o governo federal valorizava a formação da população. A respeito da Faculdade de Odontologia, a sociedade da época, não só a uberabense, carecia de tratamento bucal. Apesar disso, a primeira turma da Faculdade foi composta de alunos paulistas, goianos, baianos, paranaenses, cariocas, capixabas e até mineiros, mas nenhum de Uberaba. Credita-se o fato à frustrada criação em meados da década de 1930 da Escola de Farmácia e Odontologia de Uberaba. Iniciativa que, assim como a Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro de Palmério, recebera grande apoio e crédito dos jornais, o que criou nos uberabenses uma expectativa que foi frustrada pelo fechamento da Escola.

Sozinho, porém, o mérito de Palmério não era suficiente para consagrar sua figura. Era preciso saber lidar com a opinião pública. A última parte do primeiro ato, portanto, é dedicada a mostrar como Palmério percebeu a necessidade de ser reconhecido e louvado por seus pares e como se lançou a essa empreitada, numa “encenação do requinte”, como fala o autor.

Uma das primeiras demonstrações dessa encenação se tem nos anúncios dos jornais sobre o Liceu Triângulo Mineiro logo que foi criado. A escola representava uma parceria entre Mário e sua irmã, que já era professora conhecida na cidade. Por isso, o anúncio no jornal trazia o nome de Mário acima do de Laurencina, em letras em caixa alta (o de Laurencia aparecia em caixa alta e baixa) e com um texto de apresentação do professor, destacando, e valorizando além da realidade, a trajetória acadêmica de Mário Palmério. A encenação do professor também se evidencia, segundo o autor, no já citado círculo de autoelogios e no aproveitamento das crenças e necessidades do povo uberabense para criar identificação.

O segundo e último ato do livro lança-se a mostrar, a partir das bases descritas no primeiro ato, como o mito Mário Palmério se consagrou a partir de etapas: um tempo da espera, crises e o anúncio do herói.

A partir de 1942, o Brasil vive um forte momento nacionalista. É um momento também de crises, quando ascende um sentimento de desamparo e incertezas por parte da população que vê os estragos da guerra. Aparece, então, um ideal sacralizado da função da educação na sociedade, capaz de livrar as pessoas dos males que viviam. É nesse cenário que Palmério emerge na figura sacralizada do professor. E Fonseca deixa claro que as condições eram propícias para que a outro personagem como Palmério fosse

dispensada essa imagem sacralizada. Como Mário Palmério já aparecia como um “incansável criador de escolas” foi ele quem atraiu mais elogios e assumiu o mito.

O fim da guerra, a queda do governo ditatorial de Vargas e o retorno à experiência democrática também despertaram impulsos políticos nos jovens, que nunca haviam convivido com a cidadania democrática. Porém, toda expectativa não foi alcançada. À democracia somava-se um sentimento de impotência e frustração da população frente à desordem partidária do período: preponderância de coronéis na política local, união de partidos ideologicamente opostos e desavenças dentro dos próprios partidos políticos.

Emerge também uma crise identitária na população do Triângulo Mineiro, crise esta já antiga e que ressurgiu nos momentos de instabilidade. Os chamados triangulinos não se reconheciam com o restante do estado de Minas Gerais e propunham a separação. A cultura política regional da época então objetiva mostrar que o Triângulo Mineiro estava separado de Minas Gerais e esquecido pelos governos estaduais. Assim, no imaginário da sociedade crescia a ideia da necessidade de um salvador.

Em meio a essas crises é que Mário Palmério aparece como herói. Em suas ações ele cria nas pessoas a expectativa do lançamento do seu nome para as eleições de 1950. “O carismático professor enunciava-se como um homem excepcional, capaz de enxergar mais longe, mais claro, mais certo e, por isso, parecia pronto para encarnar o papel do profeta e do herói” (p. 224).

Assim, mesmo em meio a conspirações, no fim do segundo ato, o herói ascende e apresenta o seu final glorioso. Palmério elegeu-se como o segundo candidato mais votado no PTB mineiro. Vitória que Fonseca atribui principalmente ao papel que Palmério conseguiu representar na sociedade utilizando-se de sua imagem e trajetória.

A história de Mário Palmério mostra como a sociedade necessita de alguns referenciais míticos para encontrar segurança. Assim, o livro abre caminho para o reconhecimento das mesmas características na trajetória de outros personagens da política atual. Um exemplo recente da utilização de características míticas para traçar a carreira de um político se tem no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em torno do qual também se criou uma mitologia do herói que o levou à ascensão ao poder.

Essa mitologia, como deixa claro Fonseca, não depende apenas de um empenho pessoal em sagrar-se como herói, mas de um contexto propício e um empenho incorporado pela sociedade da época, que identificou e lançou sobre a figura de Mário Palmério um papel social que ele almejava.

Percebe-se que o livro é fruto de uma extensa e valiosa pesquisa. Ao leitor, fica clara a coerência teórica e o peso das informações que o autor apresenta. Por isso, a leitura de *A construção do mito Mário Palmério* é proveitosa não só para o mineiro ou o uberabense, mas também para os que buscam conhecer um pouco da dinâmica do interior do país em meados do século XX, assim como aspectos importantes da vida nacional nesse período. Aspectos esses que se repetem no século XXI.